



ISSN: 2175-5493

VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

PALAVRAS: DO MUNDO VIRTUAL DOS DICIONÁRIOS À CONCRETUDE DA UTILIZAÇÃO

Maria Inez Carvalho*
(UFBA)

RESUMO

Este artigo, tendo como pano de fundo as palavras - recorrentes na literatura educacional: *decorar*, *analisar* e *compreender* - discorre sobre a importância da utilização das palavras. Partindo do princípio que as palavras, inicialmente virtuais, são atualizadas cada vez que são utilizadas, recorre a palavra *chave*, no sentido posto em verso de Carlos Drummond de Andrade e seleciona algumas possíveis chaves utilizadas pelos autores da educação brasileira na escolha de palavras que dominam este campo do saber.

PALAVRAS-CHAVE: Palavra; Atualização; Compreensão.

INTRODUÇÃO

Para Lícia Beltrão em artigo, chamado a *Dança das palavras*, o historiador Boris Fausto (2007) ilustra a idéia de que as palavras têm vida: são signos polissêmicos percebidos esteticamente – nascem, vivem, pluralizam-se; algumas morrem, outras ficam congeladas, se transfiguram, ou, ainda, se esvaziam de sentido – , com pitorescas histórias.

* Universidade Federal da Bahia; Doutorado em Educação; Profª adjunta do Departamento de Educação II da Faculdade de Educação (FACED/UFBA). Grupo de Pesquisa Formação em Exercício de Professores. E-mail: misc@ufba.br.



ISSN: 2175-5493

VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

Selecionei, para introduzir este artigo, duas destas histórias do texto de Fausto:

Na primeira, historiciza os caminhos do *Bonde* – a palavra – no português do Brasil: BOND (do inglês: título, obrigação, era palavra impressa nos "bilhetes de passagem" das ferrovias metropolitanas brasileiras no final do século XIX) transfigura-se em BONDE (transporte coletivo de forte presença nas paisagens urbanas brasileiras da primeira metade do século XX) que sobrevive, para além do próprio referente, nas expressões “comprou um bonde” e “tomou o bonde errado”.

Na segunda, relembra narrativa do crítico Antônio Cândido. Intrigado sobre o nome de uma pensão carioca - *Península Fernandes* -, pergunta ao dono qual a razão daquele título. “É que eu me chamo Fernandes”, foi a resposta. “Bom, mas e *península*? “*Península* é porque eu acho a palavra bonita.”

Outro autor que nos ajuda a pensar sobre as palavras é Castoriadis, arguindo que:

O simbolismo não pode ser neutro, nem totalmente adequado, primeiro porque não pode tomar seus signos em qualquer lugar, nem pode tomar quaisquer signos. Isto é evidente para o indivíduo que encontra sempre diante de si uma linguagem já constituída. ... Todo simbolismo se edifica sobre as ruínas dos edifícios simbólicos precedentes – mesmo que seja só para preencher as fundações dos novos templos. (CASTORIADIS, 1982, p. 146-147)

E continua com um esclarecedor exemplo:

[...] quando os bolchevistas tomaram o poder [precisavam encontrar nomes]. A designação de ‘ministros’ e ‘conselho dos ministros’ não agradava absolutamente a Lenine, porque lembrava os ministros burgueses e seus desempenhos. ... Trotsky propôs os termos ‘comissários do povo’ e ‘soviete dos comissários do povo’ ... criava-se uma nova linguagem. Mas, até que ponto tudo isto era novo? ... Ele



ISSN: 2175-5493

VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

[Lenine] não queria o nome 'Conselho de ministros', mas era um Conselho de ministros que ele queria ... A revolução criava uma nova linguagem e tinha coisas novas a dizer; mas os dirigentes queriam dizer com palavras novas coisas antigas. (CASTORIADIS, 1982, p. 147-148)

Em Educação, temos também nossos *bondes*, nossas *penínsulas*, nossos *conselhos de ministros*, nossos *soviets dos comissários do povo*. Palavras/signos nunca neutras nem totalmente adequadas que ora se congelam, ora se transfiguram, massificando-se no uso, esvaziando-se e/ou trocando de sentido, ao longo dos mais diversos processos de atualização.

Atualizações que “despertam” as palavras da virtualidade, movimento este tão bem poetizado por Drummond: “Ei-l[a] só e mud[a], [virtualizada], em estado de dicionário [...] Chega mais perto e contempla as palavras. Cada uma tem mil faces secretas sob a face neutra e te pergunta, sem interesse pela resposta, pobre ou terrível, que lhe deres: Trouxeste a chave?” (ANDRADE, 1967)

Qual a chave ou as chaves - pobres ou terríveis e acrescentaria a Drummond, adequados ou inadequados - que estamos, em educação, usando ao “despertar”/desvirtualizar as palavras? Complexa pergunta se considerarmos que qualquer atualização é uma emergência entendida como movimento auto-organizativo das regras de nível baixo para a sofisticação do nível mais alto (JOHNSON, 2002), no qual, tal como em um caleidoscópio, imagens singulares se precipitam a partir de algumas possibilidades postas.

Ou seja, uma palavra é atualizada $\frac{3}{4}$ vai para o papel, a boca, a tela do computador ou do cinema $\frac{3}{4}$ como uma singularidade acionada por uma rede de elementos diretos e indiretos, com visibilidade e sem visibilidade, internos e contextualizados, espaciais, temporais, em diversas escalas.



ISSN: 2175-5493

VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

Neste sentido, há uma impossibilidade de precisar as tais *chaves*, de *fazer a epifania do que é e do que surge* (MAFFESOLI, 1997, p.17); entretanto, podemos $\frac{3}{4}$ e é o que pretendo neste artigo $\frac{3}{4}$ *ir atrás dos enigmas que estão postos* (MAFFESOLI, 1997, p.18) nas atualizações de palavras. Para procurar compreender a utilização contemporânea de signos polissêmicos na área da Educação, recorro a 3 (três) palavras - decorar, analisar e compreender - como pano de fundo e seleciono algumas *chaves* que são usadas durante o movimento de atualização.

DECORAR, ANALISAR, COMPREENDER

Dentre o arcabouço linguístico sobre educação, escolho estas três palavras por considerar, no campo da racionalidade, que elas compõem um espectro amplo e uma certa lógica sequencial que são importantes características para as intenções deste texto; mas, com certeza, a minha escolha, também, deve se assemelhar um pouco àquela escolha do proprietário da Pensão Península Fernandes, lá do início do texto.

Então, vamos a elas. Não sem antes esclarecer que, de maneira didática²⁶⁰, vou a busca de *chaves* isoladas, mas sabendo que *nos movimentos de atualização das palavras* muitas delas – *chaves* – são utilizadas concomitantemente.

A chave do tempo

O tempo “mata” e faz “nascer” palavras.

²⁶⁰ Aqui usando a palavra daquela maneira costumeira, que a iguala a simplificar, por sua vez usada como “deturpar” para melhor entendimento.



ISSN: 2175-5493

VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

DECORAR já foi palavra importante, considerada decisiva nos processos de ensino e aprendizagem, mas, assim, como a palavra *coração*²⁶¹ da qual é derivada passa a ser secundarizada no mundo escolar.

Se a escola põem no lugar do *coração* a *cabeça*²⁶², então, no lugar do DECORAR a palavra ANALISAR, preferencialmente acompanhada do advérbio de modo *criticamente*, toma assento

Mas, o tempo, na sua implacável caminhada, vai, mais uma vez, vai tornando fraqueza o que era visto como qualidade positiva. Em *análise crítica* é o caráter exógeno que emerge como limitador. Temos, na análise crítica, sujeitos analisando objetos externos a eles próprios, uma postura que ao colocar o homem como centralizador e controlador cria um humanismo que, contraditoriamente, destitui o homem de sua condição humana de falibilidade que é justamente a característica que o faz homem.

Paralelo a estas mudanças palavras vão “morrendo”, também, por saturação. O uso excessivo esvazia a palavra de sentidos e lhe rouba a polissemia. E o caso do *analisar criticamente*. Já há algum tempo, o espaço escolar passou a ter que ser compulsoriamente crítico. A Geografia crítica, a História crítica são apenas alguns dos muitos exemplos. Há uma saturação da crítica no ar.

Esta saturação aliada a desqualificação do sentido, leva a uma outra transição, desta vez da *análise crítica* para a *compreensão*. Palavra que tem caráter mais endógeno do que exógeno, pois engloba a natureza humana. Atine-se, entre outros pontos, a sua faceta como aceitação.²⁶³

261 Aqui como o órgão do sentimento humano.

262 Aqui como sinônimo de Razão.

263 Acepção encontrada no dicionário Aurélio: Entender (alguém), aceitando como é: Jamais buscara realmente compreender o filho.



ISSN: 2175-5493

VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

Sem esquecer que estas ponderações são apenas um olhar pontual para uma realidade complexa, teríamos, então, na *chave do tempo*

DECORAR → ANALISAR — ~~COMPREENDER~~

A chave de trocar seis por meia dúzia

O exemplo de Castoriadis - Conselho de ministro/comissários do povo - ilustra bem esta idéia que estamos chamando de *troca de seis por meia dúzia*. Muitas vezes utilizamos novos nomes para velhas idéias. E foi assim que *decorar* virou *memorizar*. Uma palavra ligada ao *coração* é substituída por uma ligada à *cabeça*.

Como no caso da Revolução Russa, muito precisava ser feito, muito se desejava ser feito, principalmente no campo racional, mas no campo das mentalidades as mudanças são muito lentas, imperceptíveis e escorregadias. No caso da Educação, percebiam-se graves questões com o *decorar*, no campo racional já se tornará idéia e/ou palavra inaceitável. Memorizar poderia ser a palavra necessária para um novo modelo que precisava ser expresso em novo arcabouço linguístico, mas acaba sendo, quase sempre, uma simples mudança no velho arcabouço linguístico de um mesmo velho modelo.

Sem esquecer que estas ponderações são apenas um olhar pontual para uma realidade complexa, teríamos, então, na *chave de trocar seis por meia dúzia*:

MEMORIZAR → novo modo de dizer o velho → DECORAR

VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

A chave da cultura do OU

Chamo de *cultura do ou* o entendimento de mundo pelo qual as coisas sempre estão em oposição, o que leva a que algumas palavras sejam demonizadas e, portanto, proibidas quando não se ajustam mais ao modelo hegemônico ou que se quer hegemônico.

Decorar é um grande exemplo, ficou hegemonicamente maldita nos ambientes escolares e a recente saturação do termo ANALISAR CRITICAMENTE poderá colocá-lo ao lado do DECORAR.

Mas, quando o que se impõem é a *cultura do E* (conjunção aditiva) no lugar da *cultura do ou*, temos uma passagem da *oposição* para a *tensão*, portanto, sem a necessidade do banimento de *um* para se ter o *outro*.



Sem esquecer que estás ponderações são apenas um olhar pontual para uma realidade complexa, teríamos, então, na *chave da cultura do ou*:

~~DECORAR~~

~~ANALISAR~~

COMPREENDER

Chave da inércia

A inércia é criadora de jargões e de banimentos.

Usa-se ou não se usa alguma palavra por que é determinado. Uma determinação, muitas vezes, sem dono.

Um bom exemplo são os famosos verbos para os objetivos dos planos de aula. Para a escolha destes verbos, infelizmente, as perguntas mais comuns são: este pode?



ISSN: 2175-5493

VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

este não pode?, deixando-se de lado as perguntas de sentido: qual verbo melhor aponta o que eu quero?

Outro exemplo é o modo como é vista a ABNT. Não como uma necessária padronização de caráter mutável. Mas, como uma verdade a ser seguida em qualquer lugar.

Penso aqui no padrão de referência para citações²⁶⁴. Próprios para suportes que possibilitam consultas individualizadas, como livros, tela do computador, etc, e tendo a finalidade de permitir ao leitor interessado acessar o que está sendo referenciado, perde o sentido em *slides de apresentação*; local, onde é, praticamente, inviabilizado atingir esta finalidade. Reproduz-se o padrão sem reflexão, por inércia.

E é ainda por inércia que muitas palavras tornadas jargões são repetidas exaustivamente e vão ficando cada vez mais longe de um sentido contextualizado.

Sem esquecer que estas ponderações são apenas um olhar pontual para uma realidade complexa, teríamos (permitindo-nos uma ficção irônica), então, na *chave da inércia*, palavras encapsuladas gritando sem serem ouvidas:

Memorizar: “Não estou entendendo nada quem está aqui dentro é a DECORAR”.

Críticar: “O que eu faço aqui ainda?”.

Compreender: “Já está na hora de eu sair deste dicionário”.

Chave da resistência

²⁶⁴Parênteses, sobrenome do autor, ano de publicação, página. Ex (MACHADO, 2004, p.84)



ISSN: 2175-5493

VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

Esta chave é muito utilizada quando o dispositivo do *Aprender a desaprender* não está acionado.

Algumas vezes somos reféns do que aprendemos, o que nos impede de realizar certos deslocamentos de posições, notadamente, ideológicas.

Retomo a questão da lentidão das mudanças de mentalidade. Muitas vezes não se quer mais racionalmente a palavra, mas no fundo é o que se quer. Talvez, seja o caso do *decorar*.

Como o contrário pode acontecer, às vezes, no fundo já se acende uma luz que a palavra está se tornando inadequada, mas, racionalmente, não se consegue abandoná-la. Talvez, seja o caso da *análise crítica*.

Mas, há uma resistência bem-vinda. Quando se usa a *chave da resistência* por não se aceitar a *chave da inércia*. E aí as palavras são mantidas por pessoas que são, de fato, autores, que utilizam esta ou aquela palavra não por que alguém individual ou coletivo determinou, mas por que como autor – mesmo que localizado e habitado por todos os outros e coisas de seu caminhar de alteridade – escolhe.

Sem esquecer que estas ponderações são apenas um olhar pontual para uma realidade complexa, teríamos então, na *chave da resistência*:

Para o bem ou para o mal as palavras continuam por aí com roupagem antiga ou moderna, saltitantes, tímidas, escondidas, *in* ou *out*...

Chave do eterno retorno

As palavras vão e voltam, sejam nos textos acadêmicos, técnicos, amorosos.

Isto por que os princípios constitutivos do humano estão sempre por aí, mais fortes ou mais fracos.



ISSN: 2175-5493

VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

Entretanto, não é uma volta como reversibilidade, pois a flecha do tempo – conceito defendido por alguns cientistas, como por exemplo, Ilia Prigogine (1997)– é irreversível. A emersão em um novo tempo/espaço fará de uma mesma palavra uma nova palavra.

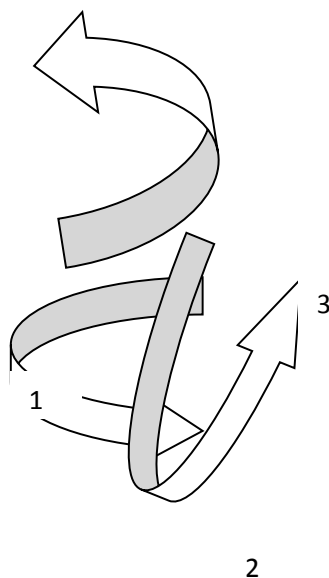
Considero uma boa metáfora para a compreensão do conceito de Eterno Retorno, aquela utilizada como título de uma série de filmes dos anos 80: De volta para o futuro.

Não há aqui um sentido evolutivo, mas um pertencimento – instantaneamente finito embora dinamicamente infinito – ao mundo que é datado e localizado. Visando romper com qualquer visão evolutiva, com a permissão para uma nuance lingüística, incorreremos em que seria um erro em geometria é denominaremos de *ciclo espiralado*

Com a palavra *decorar*, temos um caminho cíclico espiralado. Inicialmente²⁶⁵, um decorar de alguém que, exógeno ao objeto, é informado sobre ele e não há necessidade de atingir a razão, basta uma percepção mecânica; depois, no tempo do *memorizar*, alguém que, ainda exógeno ao objeto, tenta capturá-lo para analisá-lo criticamente, aqui ao mesmo tempo em que não há neutralidade, há o predomínio da razão distanciada, aquela que nos permite concluir sarteaneamente que “o inferno são os outros”; e fechando o ciclo (que espiraladamente continuará seu caminho) alguém que, sendo endogenamente o objeto, voltando ao futuro no seu eterno retorno, decorará compreendendo e se compreendendo pelo racional-percepção-sensação.

²⁶⁵ Inicialmente é um pré-determinação, pois ciclo não tem ponto de início.

Sem esquecer que estas ponderações são apenas um olhar pontual para uma realidade complexa, teríamos, então, na *chave do eterno retorno*:



- | |
|--|
| <ol style="list-style-type: none">1. Decorar – percepção mecânica2. Memorizar – razão |
|--|

Chave da transição

Não é fácil escolher as palavras. Mesmo atento a impossibilidade da adequação total na escala do dinamicamente infinito, é muito importante a tentativa de adequação na escala do instantaneamente finito. Trabalhar legitimando a polissemia das palavras exige mais rigor.

Novos paradigmas exigem novos arcabouços lingüísticos, mas onde estão as novas palavras que ainda não foram inventadas? Como utilizar as novas palavras já inventadas se como parte do objeto ainda não estou em plenitude no novo paradigma?

Uma solução que julgo, a princípio, interessante é a utilização do prefixo *pós*. Vejamos o pós-concreto. Aqueles poetas não eram mais concretos, mas ao mesmo



ISSN: 2175-5493

VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

tempo não deixavam de ser, para que palavras totalmente novas se as coisas são totalmente novas?

No campo de nossas palavras de análise surge o *pós-crítico* que pode significar a retirada da análise crítica de sua condição de dispositivo exógeno e chegar mais perto de um mergulho na compreensão com um adendo que não é a volta a aceitação passiva.

Entretanto, pode ser uma solução que escamoteei o uso da *chave da resistência*.

Sem esquecer que estas ponderações são apenas um olhar pontual para uma realidade complexa, teríamos, então, na *chave da transição*:

Soluções para lidarmos com o *dinamicamente infinito* que sempre nos deixar sem chão no instantaneamente finito. Que o *pós-crítico* possa ser de fato um mergulho na compreensão.

Um caleidoscópio de chaves

Estas foram as chaves escolhidas, faltaram muitas por falta de tempo, de espaço, de conhecimento. É o conjunto embaralhado delas - escolhidas ou não - que fará a imagem caleidoscópica que está em cada palavra utilizada.

Este entendimento teórico ultrapassa a concepção de *fases* - em que há temporalmente uma simples substituição de palavras por outras - avança no sentido de uma concepção de *camadas* - pela qual haveria menos substituição e mais assentamentos porosos de uma sobre a outra - e se alinha mais efetivamente a concepção caleidoscópica da emergência - na qual tudo está sempre presente em diversos graus de intensidade.



ISSN: 2175-5493

VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

- FAUSTO, Boris. Dança das palavras. **caderno MAIS!** São Paulo: Folha de São Paulo, abril 2007.
- CASTORIADIS, Cornelius. **A instituição imaginária da sociedade**. 2ª ed., Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.
- JOHNSON, Steven. **Emergência**: a dinâmica de rede em formigas, cérebros, cidades. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.
- MAFFESOLI, Michel. **A transfiguração do político** – a tribalização do mundo. Porto Alegre: Ed. Sulina, 1997.
- PRIGOGINE, Ilya. **O fim das certezas** – tempo, caos e as leis da natureza. São Paulo: UNESP, 1996.